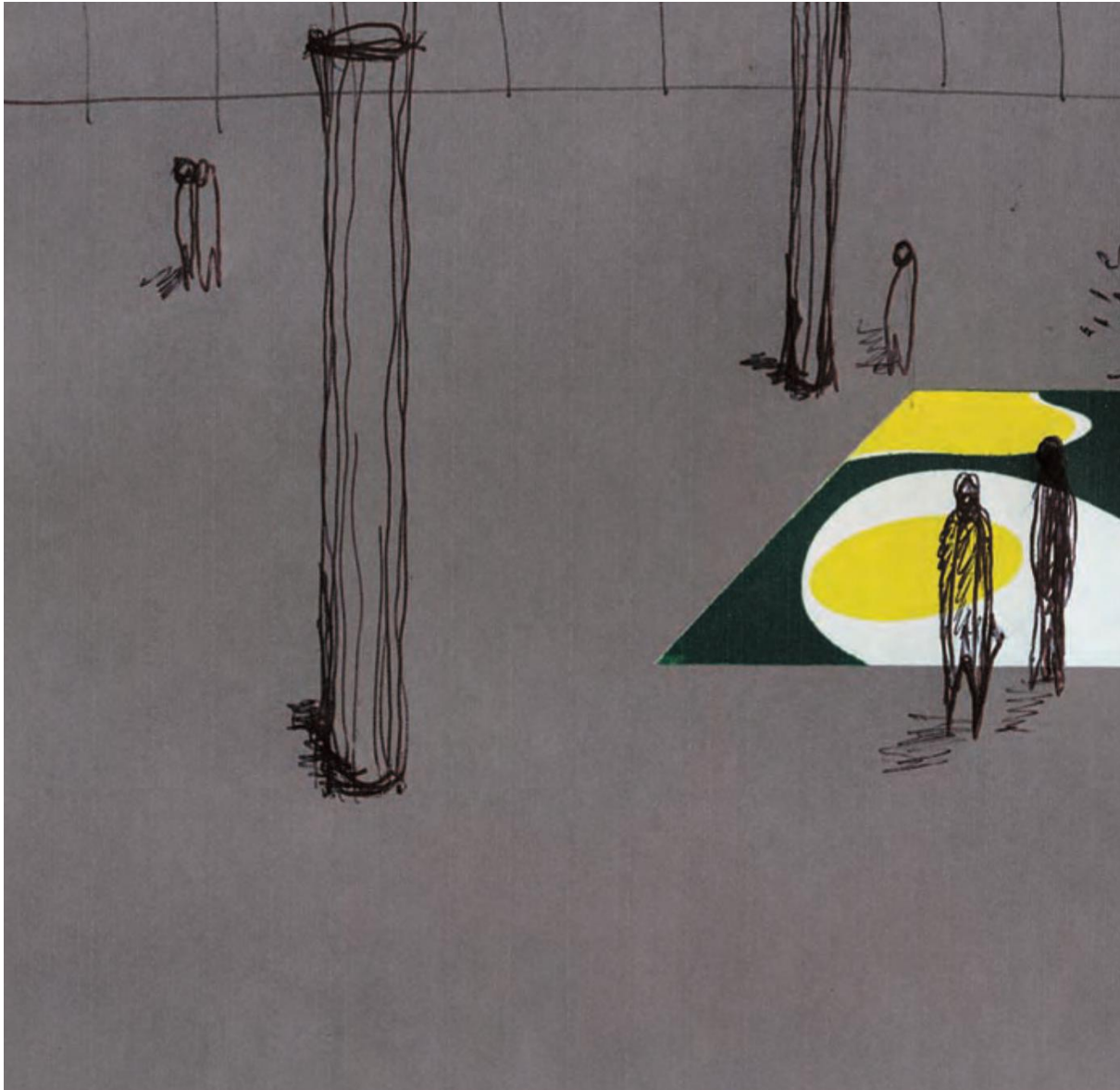


Título Valeska Soares
Data 2008
Publicação LAGNADO, Lisette; PEDROSA, Adriano. *Em vivo contato – Guia da 28ª Bienal de São Paulo*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2008.

Autor Isabel Carlos
Artista Valeska Soares



Título	Valeska Soares	Autor	Isabel Carlos
Data	2008	Artista	Valeska Soares
Publicação	LAGNADO, Lisette; PEDROSA, Adriano. <i>Em vivo contato – Guia da 28ª Bienal de São Paulo</i> . São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2008.		

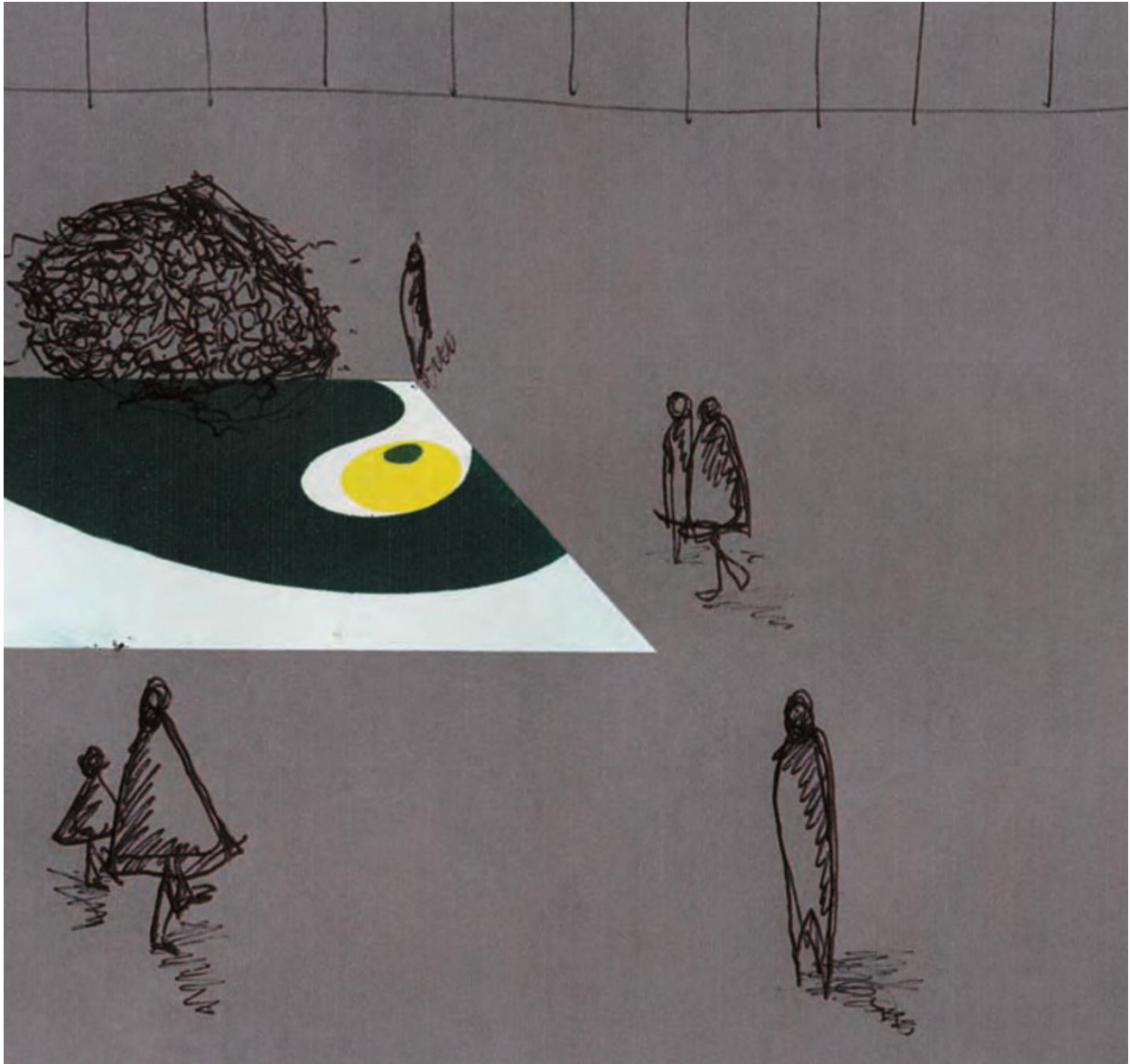


VALESKA SOARES

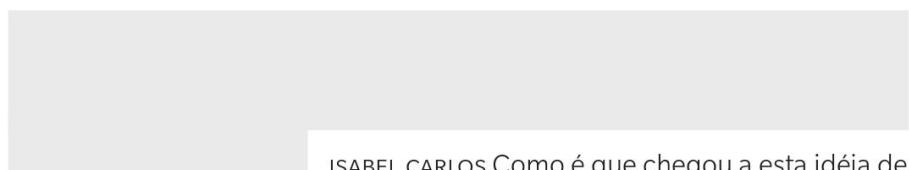
Belo Horizonte, Brasil, 1957. *Vive em Nova York. Catálogo*, 2008. Projeto. Tapete e letras de papel. Cortesia: Galeria Fortes Vilaça, São Paulo & Eleven Rivington, Nova York. **Belo Horizonte, Brazil, 1957. Lives in New York. Catálogo** [Catalog], 2008. Project. Carpet and paper letters. Courtesy: Galeria Fortes Vilaça, São Paulo & Eleven Rivington, New York.

Título Valeska Soares
Data 2008
Publicação LAGNADO, Lisette; PEDROSA, Adriano. *Em vivo contato – Guia da 28ª Bienal de São Paulo*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2008.

Autor Isabel Carlos
Artista Valeska Soares



Título	Valeska Soares	Autor	Isabel Carlos
Data	2008	Artista	Valeska Soares
Publicação	LAGNADO, Lisette; PEDROSA, Adriano. <i>Em vivo contato – Guia da 28ª Bienal de São Paulo</i> . São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2008.		



ISABEL CARLOS Como é que chegou a esta idéia de um tapete-capacho que parte do primeiro catálogo da Bienal de São Paulo?

VALESKA SOARES A primeira idéia para a peça foi a de usar somente as letras, mas o espaço da Bienal é muito grande e exigia algo que ancorasse as letras para que não ficassem perdidas na arquitetura. Então olhando o “catálogo”/livro, começou a fazer sentido utilizar a capa como âncora, não somente espacial mas também conceitual. O desenho gráfico da capa e contracapa é representativo da época e se relaciona diretamente com as idéias que iniciaram o projeto da Bienal e a arquitetura de seu espaço. Considerei inicialmente diferentes materiais, mas no final o formato “tapete/capacho” me pareceu mais apropriado como um espaço de transição entre a zona expositiva e o arquivo da Bienal no terceiro andar. Os visitantes têm de cruzar a superfície do tapete para entrar no arquivo. ¶ O texto desse primeiro catálogo da Bienal diz-lhe algo de especial ou é somente uma referência factológica ou histórica? O catálogo contém uma série de diferentes informações, há um texto do presidente da Bienal contextualizando o projeto e um do curador contextualizando a Bienal em relação à Biennale di Venezia. Além disso, tem uma quantidade enorme de dados, como as normas de participação, os países participantes, os prêmios, os valores e advertências. ¶ É, portanto, uma referência histórica importante? Sim, mas de alguma maneira a idéia de sua importância é mais importante que o conteúdo. Gosto dessa idéia de que com as minhas letras posso escrever outro texto ou catálogo, ou todos podemos reusar as letras e escrever outro texto, um anagrama. Transformar o texto histórico em um texto aberto. ¶ Anagramas, labirintos, textos, sempre foram referências importantes na sua obra... Sim, acho que são todos referências a caminhos, percursos,

Título	Valeska Soares	Autor	Isabel Carlos
Data	2008	Artista	Valeska Soares
Publicação	LAGNADO, Lisette; PEDROSA, Adriano. <i>Em vivo contato – Guia da 28ª Bienal de São Paulo</i> . São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2008.		

não somente físicos mas também mentais. Exercícios de representação. Este trabalho para a Bienal é também uma continuação dos meus “projetos editoriais”. Já há algum tempo venho publicando em forma de escultura alguns textos que são importantes para mim: *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino; *Os fragmentos de um discurso amoroso*, de Roland Barthes, etc. Eu convivo muito com Ivo Mesquita e conversamos muito. Foi um prosseguimento natural da convergência do que venho fazendo e das idéias que ele tinha para o projeto da Bienal. Interessou-me a sensualidade e o fetiche do objeto catálogo que ele tem guardado no armário, o objeto livro que vem se transformando em objeto de desejo com a perda da sua funcionalidade, o ato de ler vem por meio de outras mídias. ¶ Mas ao escolher o texto para um exercício de representação plástica você parte desde logo de duplas significações... Sim, são indicações para a produção de ficção, gatilhos subjetivos. Eu não acredito que isso seja possível sem a relação espacial. É uma relação quase teatral, em que o sujeito está no centro como espectador, mas é simultaneamente personagem principal. ¶ Você se encara como escultora para quem as palavras são a matéria escultórica? Acho que sou uma artista que produz uma inteligência visual, as idéias dão a matéria. A palavra escultórica me parece limitadora, ainda tem de algum modo como referente os gêneros tradicionais de produção artística. A prática artística agora se relaciona mais com a filosofia, com o pensamento, mais do que com uma idéia artesanal. ¶ Concordo. O que estou querendo dizer é o modo como sua obra partindo de idéias, de textos e autores é, no entanto, extremamente plástica, não é uma obra seca na tradição conceitual mais dura; pelo contrário, tem algo sempre muito sensorial, como em *Catálogo*, que as letras poderão ser tocadas, atravessadas, viradas do avesso... Claro, claro; meu trabalho nunca foi somente mental; ele se permite ser sensual. O que me interessa é o erotismo das idéias, o fascínio da matéria. A arte conceitual “ortodoxa” me parece muito burocrática, muito rígida, com muitas regras.